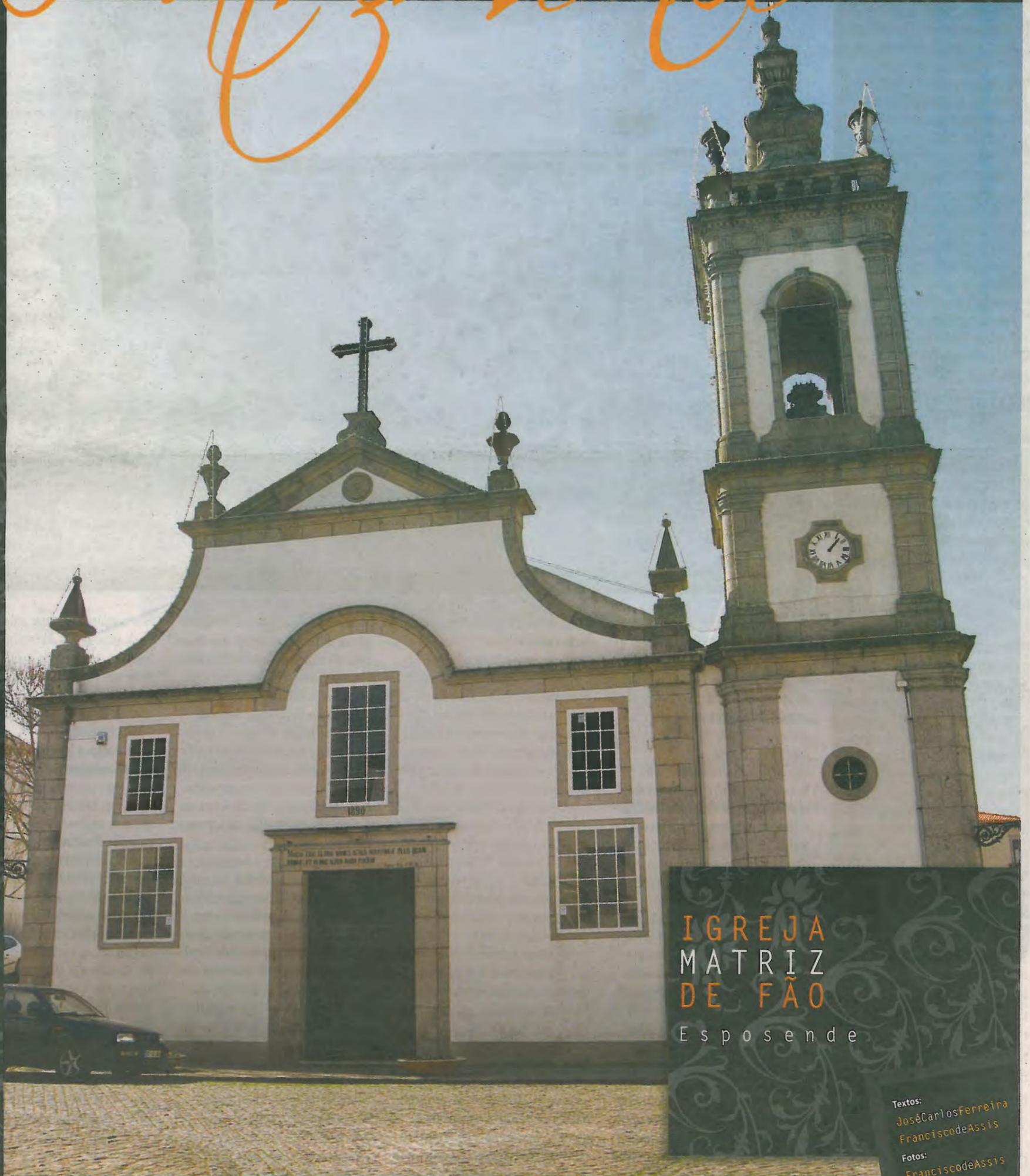


22 DE FEVEREIRO DE 2008
Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 28053 de 22 de Fevereiro de 2008, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

Património



IGREJA
MATRIZ
DE FÃO

Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



Introdução

O suplemento "Património" do *Diário do Minho* está de novo em Fão, desta vez para falar da igreja Matriz. Depois da igreja do Bom Jesus, do cemitério e Necrópole, da igreja e do museu da Santa Casa da Misericórdia, hoje vamos abordar a Matriz de Fão, dedicada a S. Paio, cuja construção é referida no século XVI. No entanto, à procura da origem da Matriz, fomos até Mumadona Dias, fundadora do mosteiro de Guimarães, isto é, anterior à nacionalidade.

Este e outros monumentos mostram, por um lado, a antiguidade e riqueza histórica da vila, por outro lado, a vivacidade e o fervor que os fangueiros põem nas suas realizações. É uma vila com características próprias e as suas gentes sempre levaram a "rivalidade" ao extremo, no bom sentido da palavra. Uma rivalidade interna e externa, mormente no que diz respeito à vizinha cidade de Esposende. Sentimento que motivou o brio e empenho em cada uma das obras. O resultado é um importante conjunto de monumentos religiosos e civis de grande qualidade. Em relação à Matriz, como já se disse, os alicerces são quinhentistas. Ao longo dos séculos, o templo sofreu um sem número de intervenções de fundo que só diminuíram no final do século XIX. Porém, é preciso dizer que, ao ler os relatos das "Memórias Paroquiais de 1758", apercebemo-nos que não houve grandes mudanças, particularmente na estrutura construtiva interior.

Nesta edição vamos referir as sucessivas invasões de areia à vila que punham cabras a andar por cima da igreja.

Primeira igreja de Fão terá sido edificada no século XI



Pia baptismal em granito, com decoração, que denota antiguidade

A primeira igreja de Fão, que não é aquela que actualmente existe, terá sido construída nos inícios do século XI, muito provavelmente antes da nacionalidade, segundo os cálculos e a investigação do coronel Zeferino Sequeira.

No seu trabalho intitulado "Villa Nuncupata Fano", compilado no livro "Monumentos Históricos de Fão - Colectânea de monografias e de textos históricos sobre Fão", editado pela Comissão Promotora das Celebrações das Instituições Fangueiras, o autor tece um conjunto de ideias e de suposições que o levam a crer que o primeiro templo a ser erguido em Fão terá sido por obra dos monges de Guimarães, muito possivelmente entre 1040 e 1050.

Nesta sua investigação, o coronel Zeferino Sequeira começa por realçar que numa escritura de doação datada do ano 959, registada no "Livro de D. Mumadona", «não se faz a menor referência à igreja de S. Paio ou a qualquer outra que, porventura, existisse em Fão». Tal facto, na sua opinião, não quererá dizer taxativamente que o templo não existisse nesse ano. O autor cita mesmo Alberto Sampaio que defende a tese de, «como o padroado (da igreja) se encontra posteriormente em poder do mosteiro de Guimarães, é de prever que a doação

compreendeu a igreja e terras onde estava esse direito».

Contudo, sabendo-se que este é o documento mais antigo que se conhece referente a Fão e tratando-se de uma doação, seria normal, caso a igreja existisse com o seu padroado, ela fosse mencionada nesta doação. «O argumento apresentado não parece muito convincente.

Ao mencioná-lo, Alberto Sampaio reporta-se a um documento do ano de 1059», esse sim, referindo claramente a igreja de S. Paio, salienta o investigador.

Assim, para o coronel Zeferino Sequeira, «no decurso dos cem anos que medeiam entre 959 e 1059 houve tempo de sobra para o mosteiro, ele mesmo, fundar essa igreja, cujo padroado lhe ficaria pertencendo por direito próprio».

Martírio de S. Paio foi em 925

Por outro lado, salienta ainda o investigador, há também um outro dado importante a ter em conta que é a própria vida de S. Paio que, tendo em conta os hagiógrafos, terá sido martirizado em 925.

«Se S. Paio foi martirizado em Junho de 925, só passado algum tempo seria possível estar construída uma igreja que lhe fosse consagrada por não ser de acreditar que a um templo

já existente se substituísse o seu orago por um outro, qualquer que fosse», defende o coronel Zeferino Sequeira. Nesta ordem de ideias, acrescenta, «pode-se pois firmar, com larga margem de segurança, o ano de 926 como baliza recuada no tempo para além da qual não podia existir qualquer uma das muitas igrejas da invocação deste santo», nomeadamente «S. Paio de Fão, de Antas, de Figueiredo, de Perelhal, de Carvalhais, de Merelim».

Para o investigador, a outra baliza que nos é possível definir é o ano de 1059, data de um documento que refere a igreja já então existente, tratando-se de um inventário que D. Fernando, o Magno, rei de Castela, Leão e Galiza, mandou fazer em terra de Portugal. Nele se diz que "na orla do mar, junto à foz do rio Cávado desta parte da villa chamada Fão com as suas salinas e a igreja de S. Paio mártir com todas as suas rendas por inteiro e por seus termos e lugares antigos". Assim, realça o investigador, «no ano de 1059 havia já na "villa" de Fão (inteira ou fragmentada) uma igreja cujo santo protector era S. Paio mártir».

«Estão estas duas balizas afastadas, entre si, 133 anos e, deste largo espaço de tempo, nenhum documento de qualquer natureza resta a dar-nos alguma indicação que

nos permita encontrar uma data mais aproximada da fundação desta igreja» e, «resumindo: o que se pode dizer sem receio de errar é que a primitiva igreja de S. Paio de Fão foi construída entre os anos de 959 e 1059», defende.

No entanto, o coronel Zeferino Sequeira, numa tentativa de conseguir uma maior precisão quanto ao possível ano da edificação do templo, faz uma análise conjuntural da época e dos diversos acontecimentos que tiveram lugar, nomeadamente as invasões árabes e a reconquista cristã. Na sua opinião, «passado o "pesadelo do ano mil", morto Almançor, deslocada a fronteira para Sul do Douro englobando as "terras de Santa Maria", desmembrado o califado de Córdova, reunidas as coroas de Castela, Leão e Galiza na cabeça do inteligente e valoroso Fernando, o Magno, (1037), nasceu em todo Entre Douro e Minho a esperança de melhores dias e uma maior confiança no futuro».

Aliás, acrescenta, é a partir de meados do século XI que se inicia a construção de muitas igrejas, sendo de admitir que uma das primeiras tenha sido a de S. Paio de Fão, «mais ou menos, pelos anos de 1040 a 1050», uma vez que, «em 1059, como já se viu, a sua existência está provada».

Está por descobrir a localização da igreja medieval de Fão

A localização exacta da primeira igreja paroquial de Fão é uma incógnita para os investigadores, sabendo-se apenas que ela existiu pelos documentos históricos que chegaram até aos nossos dias e que foram estudados pelos historiadores. No entanto, há algumas possibilidades em aberto, fruto de deduções e de alguns vestígios arqueológicos que foram encontrados em contexto de obras e que foram relatados no início do século XX.

Uma dessas hipóteses é que a antiga igreja de Fão poderia ficar localizada muito perto da necrópole medieval das Barreiras. Para o historiador Manuel Albino Penteadó Neiva, «ao falarmos da necrópole medieval, à partida estamos logo a pensar numa comunidade religiosa, já debaixo da áurea de S. Paio, que foi o orago desde a Idade Média».

«Assim, ao termos a necrópole medieval, temos lá também um vestígio de um edifício que poderia ter sido a primeira igreja. Aliás, esse templo nunca poderia estar muito longe do local dos enterramentos, o que era uma prática normal», acrescenta.

A verdade é que essa estrutura descoberta aquando das escavações ali realizadas ainda não foi devidamente interpretada. Contudo, num artigo publicado no "Boletim Cultural de Esposende" sobre a necrópole das Barreiras, o autor afirma que «o sector Oeste da escavação revelou o resto de um edifício construído sobre parte da necrópole e do qual, apesar de se apresentar actualmente ao nível dos alicerces, foi já possível definir seis compartimentos».

«Não se podendo afirmar se a sua instalação ocorreu numa fase tardia do funcionamento da necrópole ou após o seu abandono no século XIV, apresenta, contudo, claros indícios de ocupação, com pisos bem consolidados, um interessante lajeado em xisto e uma densa e bem localizada concentração de carvões», acrescenta. Para o autor, «a hipótese de estarmos perante uma habitação-oficina dentro da área da necrópole, apresenta-se-nos como inédita em Portugal, apesar de Philippe Ariès no seu estudo sobre cemitérios franceses concluir da sua efectiva habitabilidade».

Terá sido na rua das Pedreiras?

Outra possibilidade que se coloca é a igreja medieval de Fão ter existido nas Pedreiras. «Há referências a um templo para o lado da rua das Pedreiras, que seria uma igreja construída já depois da época da necrópole. Estamos a falar, provavelmente do século XIV», afirma o historiador Manuel Albino Penteadó Neiva. Na sua opinião, se enquadrarmos isto na época, estamos a pensar numa igreja, muito provavelmente, de arquitectura românica já muito tardia.



> Imagem de S. Paio, padroeiro de Fão



> Sacrário da igreja Matriz de Fão

É também interessante olhar para os escritos do padre Jerónimo Gonçalves Chaves, que nos dão algumas pistas sobre este assunto. No seu livro "Elementos para a História de Fam", editado em 1924, que assina com o nome de Chaves Coupon, o sacerdote afirma que «na tomada de José Borda, nas Rodas, ao abrir o poço, que ainda existe, encontraram o pavimento de uma igreja ou capela, com a respectiva pia de água benta» e «quando se abriu o poço do priorado, apareceu o cumhal de um prédio». Chaves Coupon relata ainda a existência da necrópole medieval de Fão. «Ao fim desta rua [da Boavista], no local das Barreiras, a caminho da Senhora da Bonança, apareceram algumas campas de pedra com ossadas» e «consta que, neste local, ou suas imediações, existiu um convento de frades franciscanos».

Apesar das dúvidas sobre a sua localização, é certo que a igreja medieval de Fão existiu para dar assistência espiritual a uma comunidade que se dedicava à exploração do sal. Segundo o historiador Franquelim Neiva Soares, num artigo publicado no jornal "Renascença", Fão «tinha importantes salinas, comprando o Arcebispo de Braga D. Paio Mendes dezoito em 1135». Também o primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, «doou, em 1153, ao mosteiro cisterciense do Bouro a décima do seu sal». Ainda segundo este historiador, a paróquia de Fão foi permutada em 1306 entre o Arcebispo de Braga D. Martinho Pires de Oliveira e a Colegiada de Santa Maria de Guimarães. Deste forma, o prelado obteve «a posse de Fão em troca dos frutos pertencentes à mitra bracarense em certas igrejas próximas a Guimarães».



> A igreja de Fão passou para o Arcebispo de Braga no século XIV

INVASÃO DE AREIAS OBRIGOU À CRIAÇÃO DE UM IMPOSTO PRÓPRIO

D. Filipe I assinou alvará de reconstrução da Matriz

Os dados sobre uma igreja quinhentista são escassos, embora não restem dúvidas quanto à sua existência. Aliás, a investigação de Franquelim Neiva Soares mostra que, em 1528, Fão [certamente com a sua igreja] foi anexada ao chancelado da colegiada de Barcelos que tinha para com ela certos encargos. Há dois documentos fundamentais que nos dão conta da existência da igreja Matriz de Fão, antiga ermida de S. Paio: por um lado, um documento do Papa Gregório XIII, de 1581, em que é referida a «Igreja de S. Paio de Fão»; por outro lado, há um texto régio, de Novembro de 1587, concedendo alvará de obras no templo.

Trata-se de uma investigação de Manuel Albino Penteado Neiva publicada, entre outros locais, no livro "Memórias históricas de Fão." Para nós, neste trabalho, a referência à igreja em 1581 é interessante, mas o mais importante é, de facto, a petição dos moradores de Fão a El Rei D. Filipe I, rei de Portugal e, simultaneamente Filipe II de Espanha.

Aqui, não podemos passar à frente sem fazer um enquadramento histórico dos acontecimentos, sob pena de dificultar a compreensão de alguns leitores.

Ora, por essa altura, Portugal vivia já sob o domínio de Espanha, após a conhecida Crise de Sucessão Portuguesa. Crise que só foi resolvida com a Restauração da Independência, em 1640. A crise aconteceu na sequência da morte de D. Sebastião, na batalha de Alcácer Quibir e teve continuidade na morte do seu substituto, o cardeal D. Henrique. Como nenhum deixou

sucessor, Filipe II, rei de Espanha e I de Portugal decidiu unir as duas Coroas Ibéricas, em 1580.

Isto é, o pedido para a autorização de obras à Matriz de Fão foi feito ao monarca espanhol, que era ao mesmo tempo o rei de Portugal. A resposta, além de positiva, deixa transparecer alguma simpatia.

«Eu, El Rei, faço saber aos que este Alvará virem que havendo respeito ao que dizem os moradores do lugar de Fão, termo da Villa de Barcelos e vista a informação que acerca disso me enviou o Provedor da Comarca de Vila de Viana Foz do Lima, hei por bem e me apraz de lhes conceder a imposição de que na dita petição fazem menção para as obras da igreja do dito lugar e isto por tempo de dez anos mais além das outras porque lha concedi na própria forma e maneira que se contem na provisão que delas lhe foi passada e se tanto durarem as obras da dita igreja (...).»

O documento foi assinado no dia 10 de Novembro de 1587, está na Torre do Tombo e consta da chancelaria de D. Filipe III de Portugal, IV de Espanha.

Avanço das areias motivou imposto e obras

Manuel Albino Penteado Neiva chama a atenção para o facto de, apenas meio século depois, a igreja estar já a precisar de obras urgentes. Os moradores mostravam-se preocupados com a situação. De facto, os documentos analisados por Penteado Neiva mostram que em 1630, a igreja «parecia ruir devido ao avanço das areias».

O historiador recorda outros estudos por ele feitos, onde dá conta da

«grande invasão de areias sobre a vila de Fão, que ocorreu em finais do século XVIII».

O caso era tão grave que, para fazer face à catástrofe, foi aprovado um "Código de Posturas" específico e foi lançado um imposto «destinado a cobrir as despesas de desassoreamento de Fão».

Aliás, o investigador refere que, em 1639, D. Filipe III assina um alvará régio, no qual prorrogava a imposição de «dois ceitis em cada quartilho de vinho», destinados à fábrica da igreja Matriz e reparo das areias que cresciam de maneira que «Intopiam se se não lhe acudisse».

Penteado Neiva cita a investigação de Monteiro dos Santos que encontrou outros documentos no Arquivo de Vila do Conde, que dão conta da invasão de areias e os trabalhos de desassoreamento.

O problema das areias continuou e, em 1662, quando Portugal já tinha recuperado a sua soberania, o príncipe D. Afonso VI assinava outro alvará prorrogando o imposto sobre o vinho [os tais dois ceitis em cada quartilho de vinho] em cinco anos, para custear as obras da igreja.

Monteiro dos Santos dá conta de um documento no Arquivo de Vila do Conde, através do qual se pode inferir que, em 1682, Francisco de Barros, curador da Comarca de Barcelos, demitia-se da superintendência da obra de Fão, provavelmente por não conseguir levar avante a missão. Na carta enviada ao rei, queixava-se da falta de colaboração dos povos vizinhos. Penteado Neiva não conseguiu localizar o documento. Será um engano ou houve troca de um algarismo, 1662 em vez de 1682? São dúvidas para próximas investigações.



> A porta tem a data de 1673, mas será anterior



> Alguns destes altares, agora modificados, serão do século XVII



> Sanefão que encima a tribuna da capela-mor

Matriz de Fão construída entre os séculos XVII e XVIII

A actual igreja Matriz de Fão, particularmente a estrutura construtiva interior, está entre o primeiro quartel do século XVII e meados do século XVIII. Não há uma data precisa da sua edificação, mas há documentos que confirmam esse intervalo temporal, além dos aspectos arquitectónicos da época, designadamente o estilo barroco. O documento mais preciso está no Arquivo Distrital de Braga, com data de 1616, consultado por Manuel Albino Penteadado Neiva. Os moradores de Fão «afirmavam que aquela ermida [de S. Paio] era muito antiga e “estava arruinada”. Pretendiam que o pároco a benesse de novo, pois a primitiva tinha sido deixada abaixo por completo e foi de novo reconstruída e ampliada ocupando o adro já existente», lê-se no livro “Memórias históricas de Fão”.

Os fangueiros comprometiam-se a «pagar para esta hermidia e confraria meio tostão em cada ano». Supõem-se que, com a ampliação, o templo deixou de ser ermida e passou a ser uma verdadeira igreja. E essa verba era para a sua manutenção. Como já vimos na página anterior, essa manutenção era necessária, mas os meios tostões eram insuficientes por causa das invasões de areia, tanto que foi preciso um imposto próprio. Segundo Penteadado Neiva, em 1630, a igreja paroquial conhecia nova ruína e foi necessária nova petição real. A resposta chegou em 1639, autorizando a «imposição de dois ceitis em cada quartilho de vinho». Por sua vez, o investigador Franquelim Neiva Soares, baseando-se no Arquivo Distrital, também aborda o tema da ampliação da ermida, mas aponta uma data completamente diferente. No entanto, apesar de serem em datas bastantes disparees no tempo, parece ser a mesma intervenção. Neiva Soares refere que para a reforma muito contribuiu a diligência do reitor em executar os capítulos de visitação de há muito tempo. «Concluídas as obras, obteve-se uma ermida ampliada e renovada, situada no adro antigo, que se presumia benzido pelas sepulturas, mas o pároco entendeu precisar-se de licença dos superiores hierárquicos para nela poder celebrar», escreveu, no jornal “Renascer”.

Obras em 1675

O historiador especifica que a petição foi despachada por D. Veríssimo Lencastre, [1615-1692] no dia 5 de Setembro de 1675. D. Veríssimo de Lencastre foi arcebispo de Braga entre 1670 e 1677. Foi inquisidor geral de Portugal. Franquelim Neiva Soares questiona onde estará a capela ampliada, admitindo que tenha sido absorvida na actual igreja. O que é facto é que no

lintel da porta da sacristia do lado da Epístola [lado direito de quem entra na igreja] está gravada a data de 1673. Penteadado Neiva diz que, apesar de estar ali a data, trata-se de uma das portas características do século XVI. «Estamos certos que esta data tem que ver com o ano em que foram aprovados os estatutos da Ermida de S. Paio de Fão». Entretanto, de acordo com a publicação “Monumentos Históricos de Fão”, da Comissão Promotora da Celebração das Instituições Fangueiras, igualmente com base em documentos do Arquivo Distrital de Braga, a aprovação terá acontecido no dia 17 de Outubro de 1676, dois dias depois do pedido feito a D. Veríssimo Lencastre.

Matriz em 1758

A partir de meados do século XVIII, a igreja Matriz de Fão não sofreu grandes alterações na sua estrutura. Basta ver a descrição feita em 1758, nas “Memórias Paroquiais”, onde se lê o seguinte: «O seu orago hé Sam Paio. E tem seis altares: o maior do Santíssimo Sacramento, o de Nossa Senhora do Rozario, o de Jesus, o de Nossa Senhora da Boa Viagem, o das Almas e o de Sam Joam. Tem duas naves de quatro arcos cada uma. Tem três irmandades: a do Santíssimo Sacramento, a do Roza-



> No século XVIII, a igreja já tinha esta estrutura

rio e o das Almas». Ora, se analisarmos a descrição vemos que, apesar de algumas mudanças nas talhas, nomeadamente no estilo neoclássico predominante, ou até na dimensão das imagens, tudo está praticamente na mesma. Esta é uma garantia da antiguidade dos altares e de muitos dos objectos históricos. Isto

é, apesar de adulterações e até danificação de algumas peças aqui e acolá, o essencial foi preservado. É de justiça realçar o altar da Senhora do Rosário. Porque antes da Misericórdia de Fão ter igreja, o altar da Senhora do Rosário da igreja paroquial, ainda antes de 1600, foi utilizado pela Santa Casa, segundo

Alberto Antunes de Abreu, no livro “Arquivo e Origens da Santa Casa da Misericórdia de Fão”. Aliás, a antiga imagem regressou à Santa Casa. Ou seja, são dados que confirma a Matriz de Fão ainda no século XVI. Em 1787, a igreja permanecia ligada à colegiada de Barcelos, que recebia rendimentos e cuidava dela.



> Altar do Bom Jesus é referido em 1758



> O altar das Almas é um dos mais antigos e mantém muitos devotos

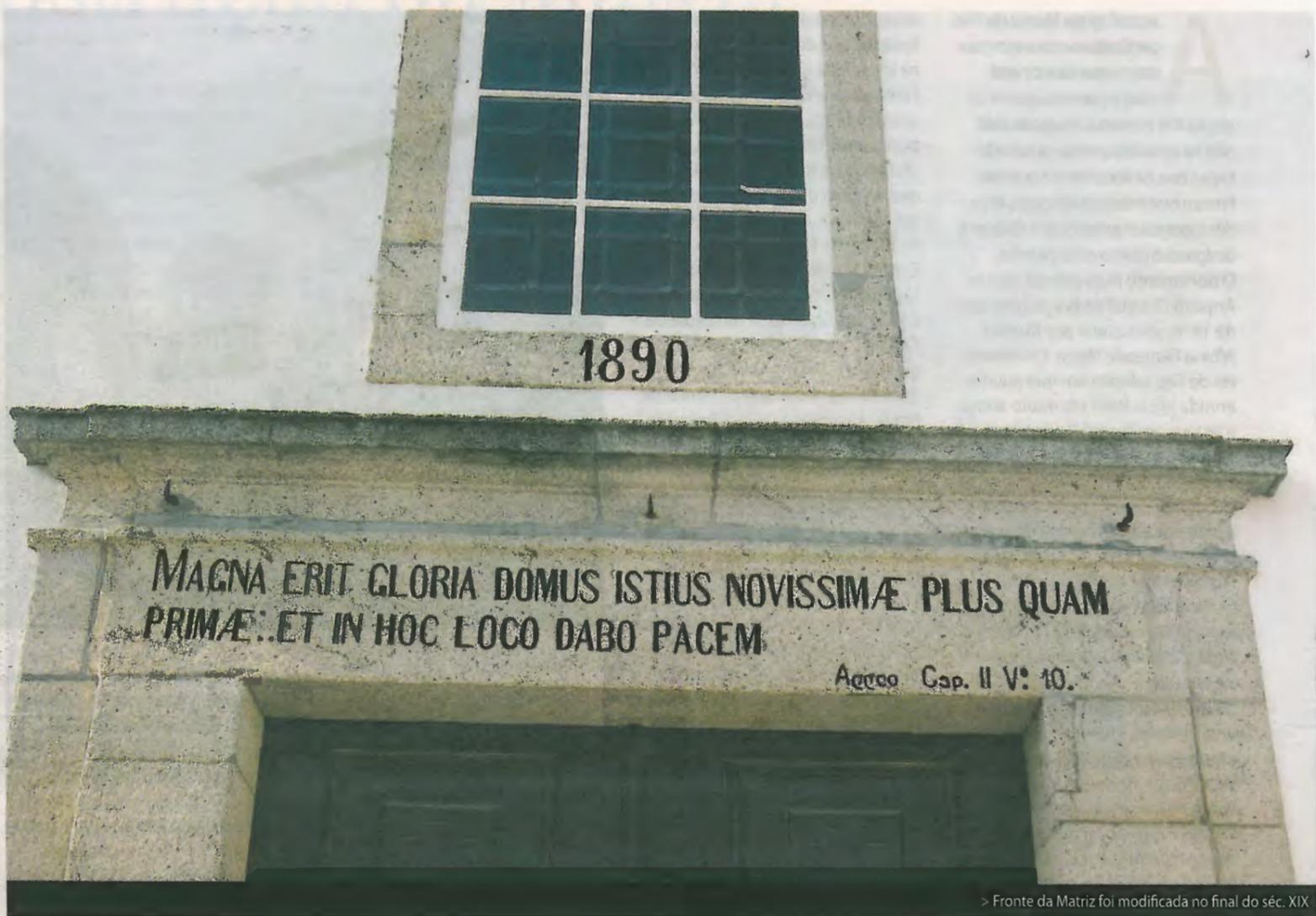
Estrutura externa da igreja reflece intervenções do século XIX

Se o interior da igreja permanece muito semelhante à descrição de 1758, o mesmo não acontece com o exterior. Aliás, de uma forma geral, toda a estrutura visível reflecte sucessivas alterações realizadas ao longo do século XIX. A substituição da baixa torre sineira para uma mais alta e as alterações na fachada frontal do templo são as modificações de maior profundidade.

Como já vimos na página anterior, no final do século XVIII, a Matriz de Fão estava sob a responsabilidade da Colegiada de Barcelos. Uma ligação que só terá terminado em 1834, com a expulsão das ordens religiosas. Como qualquer igreja, a Matriz Fão sempre teve os seus problemas de manutenção e de preservação. No entanto, este templo tinha um problema acrescido que tem que ver com as constantes invasões de areias, situação que durava pelo menos desde o século XVII. E no primeiro quartel do século XIX, ao que parece, as coisas estavam piores que nunca. Na publicação, "Esposende, Páginas de Memórias", Manuel Albino Penteado Neiva afirma que «muitas das casas de Fão, sofreram irremediáveis danos devido à invasão assustadora de areias». O livro, "Monumentos Históricos de Fão", citando o padre Jerónimo Gonçalves Chaves [padre Chaves Coupon], lê-se: «Esta igreja foi arrasada pelas areias até ao telhado, andando as cabras por cima. Uma vez desaterrada, levantaram um muro de suporte».

Além do muro, Penteado Neiva escreve que, no dia 12 de Agosto de 1838, no terreiro de Nossa Senhora da Lapa foi lançado um pregão sobre o arranjo do telhado da igreja. Depois do arranjo do telhado, foi a vez da capela-mor sofrer uma grande reforma. Segundo o historiador, em sessão da Junta da Paróquia de 22 de Janeiro de 1843, o prior Francisco José de Faria, «mostrou-se indignado com o estado de ruína em que se encontrava a capela-mor da Igreja Matriz de Fão». Assim, na sua intervenção afirmava que a «capela-mor se achava totalmente arruinada em modo de se não poder celebrar missa no altar-mor nem mesmo poder habitar o Santíssimo Sacramento».

Como a população já estava sobrecarregada de impostos e a obra era urgente, o prior optou-se por desfazer os pardiéis da antiga residência paroquial, por direito propriedade do bispo de Vila Viçosa. Foi com esse e outros dinheiros que se arranhou a capela-mor. «Em 1845, a igreja estava segura, o sacrário estava decente para o culto, com o Santíssimo. Tinha todos os paramentos



> Fronte da Matriz foi modificada no final do séc. XIX



> Sanefão do arco cruzeiro, com data de 1879



> Antigamente, o telhado era frequentemente danificado pela invasão de areias

necessários», refere Penteado Neiva, nas "Memórias históricas de Fão".

Torre sineira e outras obras

É na sequência das muitas intervenções do século XIX que a igreja vai ganhar uma torre sineira com dignidade e altivez. O padre Coupon, nos "Elementos Para a História de Fam", dá-nos a entender que a igreja tinha uma torre antiga. Mas esta foi demolida para se construir a nova, no mesmo sítio, um sonho há muito acalentado pelos fangueiros. No

entanto, provavelmente por causa das sucessivas obras, certamente consideradas mais urgentes, a decisão da sua construção só foi tomada em 1890. Não se sabe exactamente quando é que a sineira se tornou uma realidade. Sabe-se, isso sim, que, em 1893, ainda se punham questões de segurança. Entretanto, em 1850, a igreja já estava novamente a precisar de obras, denotando até «grande abandono». Por isso, os paroquianos de Fão estavam à espera de uma reunião com a Junta da paróquia. Tal aconteceu

no dia 3 de Fevereiro de 1850, com a presença de João Pereira de Araújo, presidente da Junta da Paróquia, Francisco Dias dos Santos Borba e José Pinto de Campos. Na acta ficou expressa que «a igreja paroquial e a sua fábrica iam cada vez mais caindo em um estado lamentável e que pediam desde já um pronto reparo», pode ler-se no livro de Actas da Junta da Paróquia, citado por Penteado Neiva. A partir de 1861 deu-se início a uma nova intervenção e as confrarias ligadas à paróquia foram "intimidadas" a ajudar nos custos da obra. À época

foram convocadas as confrarias do Santíssimo, das Almas, do Bom Jesus, Nossa Senhora da Bonança, da Lapa e de São Francisco. A tribuna foi feita com uma esmola do padre José de Araújo Saramago, no valor de 22.500\$00.

Em 1874, há notícias de novas obras no templo, nomeadamente a reforma das paredes. Aliás, uma visita à igreja permite constatar uma grande quantidade de datas referentes a intervenções no final do século XIX. Basta olhar para o sanefão e para o guarda-ventos.

Pavimento e pintura foram as últimas intervenções na igreja

As últimas obras realizadas na igreja Matriz de Fão aconteceram já no século XXI, depois de o padre Manuel da Rocha ter tomado posse da paróquia em Setembro de 2002. Os trabalhos incidiram na substituição do pavimento e na pintura do templo, que lhe deu um ar bastante renovado.

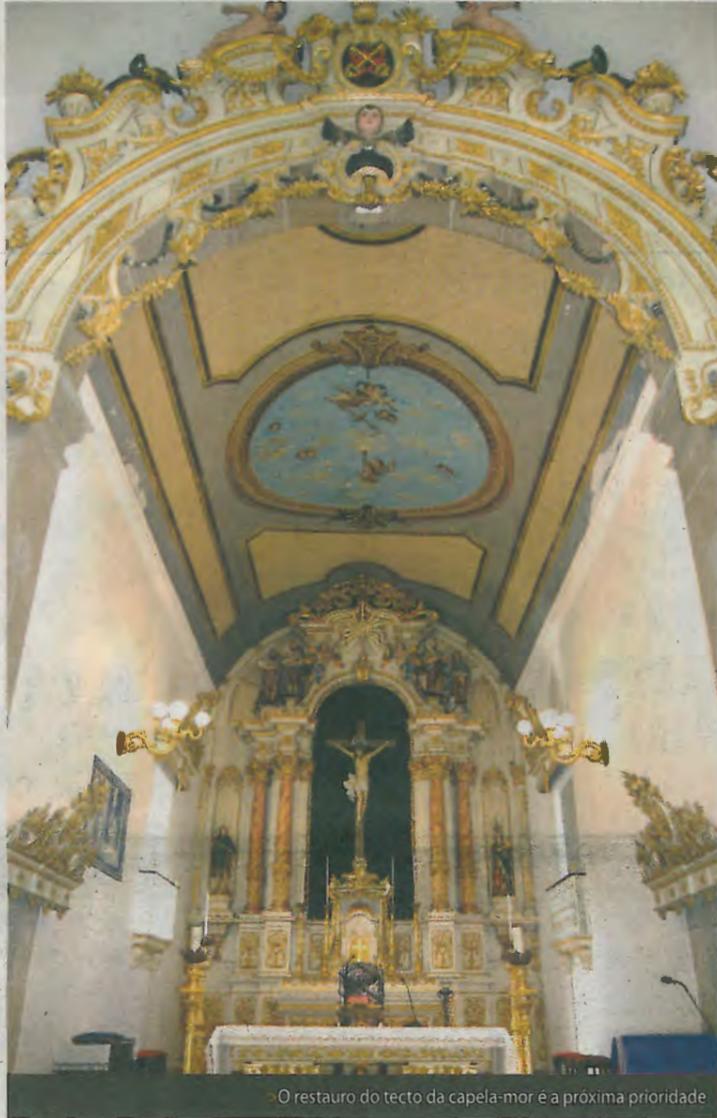
O sacerdote lembra que, quando chegou a Fão, a prioridade até nem foi intervir no templo, mas sim na casa paroquial, que não apresentava condições para o pároco lá poder viver. «A casa foi praticamente toda demolida. Deixámos apenas de pé a fachada do lado da rua e depois foi toda reconstruída de novo», conta. Feita esta obra, o padre Manuel da Rocha e toda a comunidade viraram-se para a sua igreja Matriz porque o soalho já se apresentava muito apodrecido, evidenciando alguns buracos. Por outro lado, os materiais, ao nível do pavimento, não eram os mais apropriados, uma vez que existiam aplicações em tijoleira de cimento, com pintura. «Daí, nós termos avançado com prioridade para as obras de recuperação do pavimento», que duraram cerca de oito meses, disse.

Tal como já tinha acontecido no passado, e fazendo jus à ideia que a história se repete, esta intervenção, que decorreu em 2005, obrigou a que as celebrações eucarísticas passassem para a igreja do Bom Jesus. Assim, todo o antigo pavimento foi substituído por uma conjugação entre o granito e o soalho, tratando-se de um projecto que veio da Arquidiocese de Braga e que encontrou agrado no seio da paróquia, tendo em conta o facto de nas zonas de maior passagem estar garantida durabilidade e resistência. Após uma pausa, o padre Manuel da Rocha pôs novamente mãos à obra, desta vez para pintar o interior da igreja de Fão. Esta intervenção iniciou-se no final do ano passado e foi concluída em Janeiro, tendo incluído o tecto, paredes, gradeamentos e as madeiras.

Obras para o futuro

«Agora falta-nos ainda o tecto da capela-mor. Mas, como não adianta estarmos a pintar para daqui a uns anos se refazer o tecto, dado que o gesso está apodrecido, nós, então, optámos por não mexer de momento no tecto da capela-mor e avançaremos quando houver oportunidade, colocando uma estrutura toda nova e repintando depois», revelou o sacerdote.

Esta é, assim, a nova prioridade para a igreja Matriz de Fão, não esquecendo alguns altares laterais que se encontram afectados por xilófagos. «Nós precisamos de renovar a es-



► O restauro do tecto da capela-mor é a próxima prioridade



► O soalho foi substituído por um lajeado em granito

trutura e tratar esses altares. Temos, inclusive, o S. José que se nota que está descaído para trás», disse. Para o padre Manuel da Rocha, as pessoas de Fão já sentem que a sua igreja Matriz apresenta um ar renovado e é bom sentir que estes arranjos foram muito do agrado da comunidade. «As pessoas estão, de facto, muito satisfeitas com a estética e a qualidade dos trabalhos aqui realizados, e isso é bom. E, também se pensou nisso, isto é, fazer aqui trabalhos que, no fundo, valorizem mais o templo e isso tem sido conseguido», garante.

E, a verdade é que a população de Fão orgulha-se, não só da sua igreja Matriz, como também da igreja do Bom Jesus de Fão e da igreja da Misericórdia, ou seja, três templos de grande dimensão.

Para o historiador Manuel Albino Penteadado Neiva, há uma razão para que esta vila possua estas três grandes igrejas. «Fão é uma terra que, em determinado momento, viu os seus fregueses lançarem-se pelo mundo fora, onde ganharam fortunas, nomeadamente com a construção naval e o comércio marítimo, e isso reflecte-se nos templos religiosos e nas casas», afirma. Segundo explica, Fão sempre foi conhecida por ser uma terra de um



► Os gradeamentos foram pintados nesta última intervenção

bairrismo exacerbado. «E, isso vai acontecer, não só nos fangueiros em relação ao mundo exterior, portanto aos vizinhos, mas também relação aos próprios fangueiros. As suas instituições acabam por progredir e por enriquecer também fruto desse bairrismo», defende. Na

sua perspectiva, a igreja paroquial é um esforço colectivo, de todos os fregueses. «Mas, depois temos as outras duas grandes igrejas. A do Bom Jesus, que é fruto de uma Irmandade, que, a determinada altura da história, chegou a competir com a igreja paroquial. E, depois temos

uma instituição secular, de grande tradição, também rica, que é a Santa Casa da Misericórdia, que tem a sua igreja própria», acrescenta. Na opinião de Manuel Albino Penteadado Neiva, no «espírito fangueiro» reside o bairrismo, a inter-ajuda e a vaidade em dignificar as coisas da terra.



> Num dos altares laterais, nomeadamente no lado da Epístola, encontra-se a imagem de Santa Ana e de Nossa Senhora. O curioso desta representação é o facto de Maria surgir-nos, não como uma criança, como é habitual, mas como uma jovem.



> Uma das peças notáveis na igreja Matriz de Fão é o seu guarda-vento, todo feito em madeira. Para além de apresentar uma rica decoração, nele está patente a data de 1878.



> Num dos altares laterais de igreja Matriz de Fão está uma imagem de São João Baptista que prima pela originalidade. Habitualmente, S. João é retratado vestindo uma pele de cordeiro. Em Fão, encontramos a sua representação vestido com uma túnica.



> Na porta do lado da Epístola, na capela-mor da igreja de Fão, é possível encontrar inscrita a data de 1673. Segundo o historiador Manuel Albino Penteadó Neiva, é certo que esta data esteja relacionada com o ano em que foram aprovados os estatutos da Ermida de S. Paio de Fão.



> Tendo em consideração os escritos de Chaves Coupon, antes da actual torre existia uma outra antiga que foi demolida. Nestas obras foi ainda necessário deitar abaixo um eucalipto.



> No topo da fachada da igreja de Fão é possível encontrar a data de 1872, que deverá ser referente a uma das muitas obras ali realizadas. Aliás, a história da segunda metade do século XIX neste templo está cheia de registos de obras, cujas datas foram sendo inscritas em alguns locais da igreja.